

QUINTA-FEIRA
Lisboa--8 de Março-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comis

6-Avenç
Ex
122

94

sempre

five

semanario
humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O POUO... soberano

(AO DOUTOR
RAMADA (URTO))



ROCA
COM QUE
SE FIA
EM
CANTIGAS

Não governa nem tem vontade de REINAR



Os ditos da semana



O parque monumental

Agora sim. Desta vez é que vai. O Parque Eduardo VII vai ser concluído, ficando um parque monumental. Onde houver uma cova, enche-se de água e onde houver uma elevação de terreno, prega-se-lhe com um palácio. E assim ficará o Parque Eduardo VII uma das maiores maravilhas do mundo.

Os lagos, para não se aborrecerem, comunicarão uns com os outros, e a gente comunicará com eles por meio de barquinhos através dos canais, onde teremos a ilusão de Veneza.

Os palácios serão grandiosos. Grandiosos os lagos e os portões. Grandiosíssimas as festas, as exposições, os bailes, as *feeries*. Brrr!

Daqui a pouco, quando tudo estiver concluído, ir-se-há ao parque em vez de ir a Paris. Ali haverá de tudo. Além dos atractivos e das comodidades modernas das grandes capitais, encontraremos também todos os vícios, todos os perigos e todos os defeitos dos grandes centros. Para isso, já a Camara Municipal adquiriu alguns casais de apaches, que hão de povoar as vielas tortuosas e emsombreadas do Parque, quando houver arvores, lá para o ano de 2000.

E então ter-se-hão acabado as revoluções. Os revolucionários, chegados á beira dos lagos, irão todos no hote, e os que estiverem de cima, no alto dos terraços dos palácios, ficarão a vêr navios. Para maior comodidade e em homenagem ás tradições, transferir-se-há para o pé da Penitenciaria o Alto de Santa Catarina, e meter-se-hão empenhos para ir para a Penitenciaria, que ficará sendo o sitio mais aprazível de Lisboa.

Convento das Bernardas

Neste covento das Bernardas que já muito antes da Republica era habitado por inumeras familias, tudo ameaça ruina. Continua a ser das Bernardas, mas dentro em pouco deixará talvez de ser covento, bruscamente arrazado por algum pé de vento mais forte.

E' um covento de miseria, a meter agua por todos os lados, porque os senhorios não metem obras, nem têm juizo as crianças traquinas que andam a escangalhar o que ainda está de pé.

As familias e os senhorios põem-se de atalaia a cada passo, mas, mesmo assim, iam sendo apanhados pela derrocada.

E quando menos se esperar aquilo desaba tudo, apesar das prevenções.

Ha quem pense alojar as familias no bairro economico da Ajuda, mas as familias recusam-se, porque não ha bairro mais economico do que o bairro da miseria que é o covento das Bernardas. Mas mal por mal, antes ali, onde, ao menos, sempre ha as Bernardas para servir de divertimento.

As Bernardas foram, e certo, a causa da ruina do covento, mas também têm sido as Bernardas a razão da sua existencia. Nem mesmo se compreendia um covento de Bernardas, sem Bernardas.

A culpa do desmantelamento do covento não cabe aos inquilinos, antes aos donos do covento se deve atribuir completa responsabilidade pela derrocada, porque sendo eles quem pode e quem man-

da, nunca quizeram saber de desgraças. As Bernardas faziam o que queriam, confundiam e arrazavam tudo, e os proprietarios punham-se a olhar para aquilo, com a inconsciencia de quem não vê que as Bernardas não convêm a ninguem. Diziam as Bernardas que queriam salvar o covento, mas o que as Bernardas faziam era deitar o covento abaixo.

Com o diabo no corpo

Um senhor que conhece Marco de Canavezes, e que nós não conhecemos, porque teve o cuidado de nos escrever em postal anonimo, protesta indignado contra a novela do ultimo numero do *Sempre Fixe*.

O senhor que conhece Marco de Canavezes (já é conhecer, já é ser viajado!) desconhece todavia a gramatica, mas é humorista, e, senão, veja o leitor como ele se prestou gratuitamente a ser colaborador do *Fixe*, diz ele:

«Lendo hoje no jornal

conjuntamente com alguns amigos a novela O milagre que não achamos graça nenhuma e ainda com a agravante do sr. «Tom» insultar o pobre Marco de Canavezes, «como uma horrivel terriola da provincia; ora bolla sr. Tom, deve ser muito pouco viajado ou então miupe pois o Marco é comarca tem 32 freguezias e é uma das terras mais pitorescas do nosso Portugal ora vá fazer artigos para a Siberia... outro officio...» Isto que ahi fica é do melhor humorismo. Qualquer colaborador que quizesse escrever uma coisa idiota não o faria melhor e a gente tinha de lhe pagar.

Aquela prosa não faz sentido, senão dentro da cabeça do senhor que conhece Marco de Canavezes e não conhece a gramatica.

E julgava ele que estava protestando, quando quem protesta, no seu postal, é apenas a lingua portugueza por sofrer tamanhos tratos.

Olhe, senhor que conhece Marco de Canavezes, não torne mais a ir ao Marco, vá antes para a escola e veja lá se é capaz de aprender a escrever.

Mas o *Sempre Fixe* perdôa ao senhor que conhece Marco de Canavezes porque bem sabe que ele lá foi depois do diabo andar á solta e trouxe-o metido no corpo, em forma de asneira gramatical.

O diabo deu-lhe a tesura do protesto, mas esqueceu-se de lhe inocular um bocadinho de gramatica.

Aos habitantes de Marco de Canavezes aconselhamos a leitura da novela para verem que o senhor que conhece Marco de Canavezes não conhece a sua mão direita, porque julgou vêr insultos onde havia apenas um trocadilho engraçado.

A questão de Glozel

A questão de Glozel que se parece muito com a nossa questão dos painéis, começa a esclarecer-se.

Os ossos que se diziam frescos, são ossos velhos, segundo a analise a que se procedeu no Porto e em Oslo.

Tambem cá temos um documento a que chamam velho e a que outros chamam fresco. O Instituto de Medicina Legal, chamado a dar opinião, tem de manifestar se pela antiguidade do documento, porque, fresquissimo que ele fôsse, quando um dia acabar a analise já estará velho de todo.

O silencio no Palacio da Paz



A' beira do lago Lemán os diplomatas discorrem serenamente sobre o modo de desarmar as potencias.

BOM HUMOR

Ela:—Que aspecto tão triste tem a nossa amiga Angela!

Ela:—Coitada! Tem um marido novo que está sempre doente.

Ela:—Que direi eu, que tenho uma mulher velha com uma saúde soberba...

Columbina:—Já te disse que me podes beijar numa das faces.

Pierrot:—Estou vacilando entre as duas...

O medico:—O senhor está fatigado. Deve evitar os exercicios violentos. O que faz?

O enfermo:—Sou anarquista.

O medico:—Então esteja 15 dias sem arremessar bombas...

Tonto:—O que disse o teu pai quando soube que o Carlos era um dos primeiros da classe e tu o ultimo?

Xico:—Disse que o Alfredo tinha uns pais muito inteligentes...

—O automovel atropelou-me, na Avenida da Republica, mesmo em frente duma farmacia...

—Que sorte!

Na scena do adultério:

O marido:—Apresente-me a minha mulher. Sei que ella está aqui.

A matrona:—Não seja tonto, arranjo-lhe outra...

—Porque roubaste?

—Para pagar uma divida de honra...

Ela:—O que diz a tua mãe?

Ela (lendo a carta):—Envia-te um abraço.

Ela:—Vês! Nunca perde uma occasião de me ser desagradavel...

O marido:—Acabo de encontrar umas cartas que provam da tua traição.

A esposa:—E's muito estúpido! Não vês que as recebi antes de casar...

—O que faz agora o teu marido?

—Como não sabia fazer nada, dedicou-se á politica...

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rue Pascoel de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estofania)



—Cabelo ou barba, minha senhora?

Uma anedota a proposito

Cursavam então o liceu da Lapa: Ribeiro dos Reis, que é hoje capitão o Sportsman distinto; Armindo Monteiro e José Machado, advogados dos melhores; Sertorio Sosa, Gilberto Monteiro e Casiro Carrasco, medicos do valor; o Faria Pereira, que está na Aviação Maritima; o Otero Ferreira, que já então era valente; Tomás Ribeiro Colaço, Tito Arantes e Luis de Oliveira Guimarães, três nomes literarios; o Frederico Costa, tenente aviador; Carlos Ferrão, Alvaro de Andrade e muitos outros nomes conhecidos, que agora me não ocorrem.

Todos, com uma camaradagem hoje difficil, mantinham no velho «Seminario do Padre São», as melhores relações de amizade. E a razão de alguns, como o dr. João da Silva Correia, hoje lente da Faculdade de Letras, frequentarem cursos mais adiantados porque tiveram a felicidade de nascer mais cedo, não impedia uma estreita quão respeitosa camaradagem, com os mais moços.

Viviamos, afóra umas naturais scenas de sóco — como Deus com os anjos. Mas havia três fantasmas: o dr. Sá Oliveira, o «Padre São», o dr. Gonçalves Braga, o «Tocha», que, por economia e falta de osaco, usava verão e inverno um grande casaco, e o «Cegonha», o Ribeiro, professor de ginastica sueca.

Já nesse tempo eu não passava por boa pessoa... E como eu, muitos que faziam garotices que, bem tratadas hoje, dariam um curioso volume sobre a academia que fez aquella soberba grêve do 1907.

...Já que falei em garotices, quero contar-lhes uma:

Não sei porquê, sentia uma aversão brutal pelas aulas de ginastica e, por isso, sou hoje aquella pessoa forte que vossas excellencias conhecem...

Por todas as fórmulas e feitiços, eu procurava escapular-me á frequencia dessa aula. Mas... o ladrão dum continuo que lá havia tinha fareja para me descobrir onde quer que eu me encontrasse e forçoso era, pois, que a ella assistisse.

Então, á voz do professor Ribeiro, a turma formava.

Chegava a altura de nemerar:

—Um! Dois! Um! Dois!

E eu repetia, imitando os galegos:

—On! Dô! On! Dô!

Palavras não eram ditas, e o pobre Ribeiro tinha que expulsar-me da aula.

A brincadeira seguiu e tanta vez que na «caderneta» do «Cegonha» já não havia espaço para as faltas.

Ora succedeu que, tendo já dois maus comportamentos seguidos, corria o risco de ficar chumbado se apanhasse o terceiro.

Fiz-me, então, um aluno socogado. O diabo é que ninguém acreditava

nisso, nem o professor... nem eu.

A piada do On! Dô! generalizara-se e, tendo deixado de usá-la, outros me occuparam o lugar. De sorte que, sempre que se «numerava», havia um gus a repetia.

E porque eu era o seu autor, quer o dissesse quer não, era expulso, todas as segundas e quartas, das aulas de ginastica.

Não me valiam protestos.

—Foi o senhor!—dizia o Ribeiro, que, ageitando as lunetas, me marcava mais uma falta.

Pois hoje, e vão passados vinte anos, sempre que recordo o facto, tenho de lembrar-me duma anedota, que é, afinal, este artigo:

«Dois pobres de Cristo, perdido o dia e a noite a andar, seguiam estrada fóra, cheios de fadiga.

Já perdidas as esperanças de encontrarem onde dormir, descobriram ao longe uma casa.

Aproximando-se, solicitaram poisa-da, que o dono da casa com maus modos concedeu, recomendando-lhes o maximo silencio.

Pedro e Paulo — assim se chamavam os pobres — occuparam então uma dependencia da casa, deitando-se cada um na sua esteira que o hospedeiro collocara, respectivamente, á entrada e ao fundo do quarto.

Contentes por repousar um pouco os corpos, Pedro e Paulo puzeram-se a cantar.

Indignado, o hospedeiro vem de lá com um formidavel cacoto e pregou uma não menos formidavel sora no pobre Pedro, que estava á entrada da porta.

Não decorriam ainda cinco minutos e Pedro, zangado, disse:

—A culpa foi tua!...

—Minha, não. Foi tua!...

A discussão começou e tão grande alarido faziam que o hospedeiro, voltando ao quarto, forrou uma nova tarefa no Pedro... porque estava mais perto.

Muito dorido com as duas tovas mestras, disse o Pedro:

—Oh! Paulo. Já apanhei duas vezes. Melhor será que passes para a minha esteira, não vá o homem voltar.

—Pois bem!—disse Paulo, trocando o lugar.

O diabo é que a discussão recommençou e o hospedeiro viu-se na necessidade de subir outra vez.

Entrou no quarto munido do cacoto e... quando ia para dar o correctivo, olhando a esteira onde repousava o Paulo, murmurou:

—Este, não! Agora vamos ao outro!...

E pregou nova sova no Pedro...

Luis Figueira.

Galinha sensível

Três comerciantes da cidade de Pelotas, no Brasil, foram ao Rio de Janeiro assistir a umas festas e aproveitaram para arranjar a representação de marcas de automoveis.

Assim, o Juca conseguiu a agencia da marca «Pirilau», o Josué o carro da marca «Três Pentas» e Fortunato o automovel «Ford» (passe o reclame, que é indispensavel para esta historia).

De regresso a Pelotas, cada um tratou de fazer o reclame do carro que representava.

Uma manhã, estava o Juca numa mesa dum café fazendo a apologia da marca do seu automovel a um fazendeiro, quando, por acaso, entrou o Josué. Palpitando-lhe que o Juca estava fazendo reclame, aproximou-se, cumprimentou o Juca e tomou lugar á mesa, depois de ser apresentado ao fazendeiro. E a conversa derivou logo para marcas de carros. Dizia o Juca:

—O carrinho «Pirilau» é o melhor. Para subi não ha outro. Quando ha uma rampa, tão oppressa está cá em baixo como si encontra lá em cima sem sabê como isto foi.

O Josué, para não deixar os seus créditos mal firmados, interveio:

—Deixa di bobagem! O carrinho Três pentas é superior. Em velocidade não ha outro. O siô larga a 150 á hora e até levanta palhetas! Oíro! Fortunato, que também tinha entrado no café e fóra sentar-se numa mesa ao pé, meteu-se logo na conversa e contou o seguinte:

—O automovi «Ford» é o primeiro do Mundo, elegante, sólido e leve como uma pluma. Uma vez, ia numa estrada. Uma galinha si veiu mêto na frente. Quiz pára mas já foi tardi. As rodas tinham passado por cima dela. Mi apiei prá vê como tinha ficado a pênosa e, esperando encontrá-la morta, fiquei admirado quando fui depára com o bichinho a esponejar-si e á dizê:

—Ih! Qui galo tão pêsado e tão góstoso!

M. A. Caco Velho.

SECÇÃO DE CHARADAS

Esta virtude teologica, com este pão e com esta nota de musica, agrada ao olfato—uma, uma e uma.

Decifração — Fe-lo-re.

Na comida, tirei terra da garrafa por ger bebida agradável—duas, uma e duas.

Decifração — Salsa-pa-rolha.

Esta rodilha, do matematico, estava no automovel—duas e três.

Decifração — Pano-matico

Esta nota de musica, com mais esta nota de musica, é para desoansar—uma e uma.

Decifração — Si-fa.

O anfíbio, aperto, por ser de gas nas farmacias—quatro, duas e três.

Decifração — Cracodilo-ato de soda.

Para os retratos, com este bôlo, li o apelido—duas e duas.

Decifração — Album-queque.

M. A. Caco Velho.



Estudo de um cavalheiro que acabava de dizer: «Repara no que eu faço, para aprenderes».



—Este meu filho é um imoralão; gasta todo o dinheiro a pagar automoveis ás mulheres. No meu tempo, a coisa era outra: eram ellas que pagavam.

Historia da Carochinha

(Para creanças já crescidas)

Era uma vez um lavrador alentejano, muito rico. Tinha aí á volta de cincuenta anos; não era, portanto, novo nem velho, antes pelo contrario, e era pessoa de boa composição física: um bonito homem, como diziam todas as quarentonas que o conheciam.

Ora, este lavrador muito rico e bonito homem tinha a sua grande fortuna em grandes propriedades e era ele mesmo quem as administrava. Tendo sido desde pequeno habituado a trabalhar e a levantar-se com o sol, para acompanhar o pai, a cavallo, nas suas visitas ás herdades, mantinha ainda esses bons costumes antigos e a madrugada encontrava-o sempre a pé, pronto a marchar para os confins do mundo.

Uma bela madrugada do Maio, empalideciam as ultimas estrélas, saía o nosso lavrador de casa, a cavallo na «Russa», uma egua que era o espanto de toda a gente, embora não soubesse tourear. A herdade que o lavrador ia visitar ficava distante umas dez ou doze leguas da sua residencia. Mas, como a madrugada prenunciava-se um dia lindo, Sebastião Januario —era o nome do nosso heroi—foi de «corpinho bem feito», sem capoto nem guarda-chuva. O calor não era tanto que annunciava uma trovoadá proxima. E Sebastião Januario marchou.

* * *

Acontece, porém, que o homem pôe e Deus dispõe. Já Sebastião Januario tinha dado volta ao «monte», já tinha dado as suas instruções ao feitor e já tinha almoçado como um abade, como se costume dizer, já vinha, mesmo, a caminho, quando os ares começaram a turvar-se.

— Mau, mau! — diz Sebastião com os seus botões.—Uma chuvada, agora, enervava-me e era capaz de me constipar a «Russa».

E alargou o trote á egua, na esperança de chegar a casa sem molha. Mas o demonio tece-as, e dois quilometros adiante, zás, parecia que o céu se abria em catadupas d'agua e se quebrava em trovões que punham na espinha da «Russa» arripios de medo.

Como o mal já se não podia evitar, Sebastião Januario resolveu fazer alto na Aldeia das Vendas, a meio caminho de casa, na estalagem do chamado, com toda a propriedade, José da Venda. A egua, que vinha suada, desfazendo-se em espuma, constipára-se com a chuva e negava-se a marchar. Era outra arrelia mais, e Sebastião Januario não via outro recurso que não fosse pernoitar na estalagem do José da Venda. Que remedio havia! Lá com uma trovoadá

daquelas e, para mais, a egua doente; é que ele não podia voltar a casa.

* * *

Quando Sebastião Januario disse ao José da Venda o que pretendia, o José da Venda desfez-se em desculpas e lamentações:

— Tinha muito gósto em o servir, sr. Januario, mas não tenho quarto digno do si...

— Não faz mal; não preciso do quarto, basta-me uma cama em qualquer parte.

— Tenho a casa atravancada, sr. Januario.

— Fico mesmo no palheiro.

— Está cheio de cavalgadas.

— ... no sotão...

— ... está cheio de palha e de pulgêdo...

— ... numa cadeira, num raio, onde quizer, mas não saio hoje daquil Condoído e obsequiador, o José da

Venda, perante aquela obstinação, teve uma ideia:

— Ouça o sr. Januario. O unico quarto que lhe poderia servir está occupado pela D. Deolinda, professora cá da aldeia. A cama é larga. Se ela se não importa...

Sebastião Januario exaltou-se: — Homem, você não está bom da cabeça: eu vou lá agora fazer uma proposta dessas a uma pessoa que nunca vi!

— Serene, sr. Januario, — respondeu-lhe o José da Venda — serene e espere um bocadinho, que eu m'encarrego d'arranjar as coisas.

O José da Venda, que lá sabia as linhas com que se cosia, foi, com efeito, tratar de arranjar as coisas e voltou com a seguinte resposta:

— A D. Deolinda não se importa. Mas só põe uma condição: que fique um travesseiro a separá-los...

— Um travesseiro ao meio? Pois

seja, já que não ha outro remedio. Com uma chuva destas e a egua constipada é que eu não volto para casa...

E Sebastião Januario ficou.

* * *

Na manhã seguinte, á despedida, Sebastião Januario desfez-se em agradecimentos:

— Estou-lhe muito agradecido, sr.ª D. Deolinda. Foi muito amavel comigo, não esperava tanto...

— Ora essa, sr. Januario. Tire até muito prazer em servi-lo num momento difficil...

— ... muito amavel, sr.ª D. Deolinda. Nunca me esquecerei do seu favor. E, se m'o permite, para de alguma fórma compensar o favor que me prestou, virei um dia destes buscá-la no meu automovel (que está agora na «garage» a concertar uma roda) para darmos um passeioinho aí pelo campo.

— Pois não, sr. Januario. Sempre ao seu dispôr...

* * *

No dia aprazado, Sebastião Januario, guiando o seu «Ford» de quatro cavalos, foi á Aldeia das Vendas buscar D. Deolinda, que já estava preparada, á espera, com um vestido de chita «organdi bête» e um largo chapéu de palha, por causa do sol, enfeitado com papoilas de pano. E lá seguiram os dois, sósinhos, como dois noivos, onlevados um no outro, lembrando sempre aquela noite inesquecível, a chuva, o mau tempo que os fizera encontrados.

No melhor da conversa, porém, o vento arrebatou o chapéu de D. Deolinda e arrasta-o para longe, numa corrida precipitada, ora rodando sobre a estrada, ora voando nas azas do Zéfiro. Sebastião, claro está, parou logo o carro e preparava-se para saltar á estrada quando D. Deolinda lhe segurou pelo braço:

— Onde é que o sr. Januario vai, tão apressado?

— Ora essa: apanhar-lhe o chapéu! — Mas onde se meteu o estafermo, que o não vejo?

— Saltou para trás daquele muro, ali adiante...

— E o sr. Januario vai apanhá-lo?!

— Pois vou.

— Deixe-se disso, disse-lhe D. Deolinda, soltando uma gargalhada. Então o sr. Januario esteve uma noite inteira e não foi capaz de saltar um travesseiro e quere agora saltar um muro daquela altura?! O sr. Januario não está bom da cabeça...

E cada vez D. Deolinda ria mais forte...

Carlos d'Agualva

OS SONHOS DOS NOSSOS ARTISTAS

O de Hortense Luz

Após varias sessões numa ensaiada, com a celebre peça O Grão de Bico, genero seu de genial fabrico, Hortense Luz dormia fatigada.

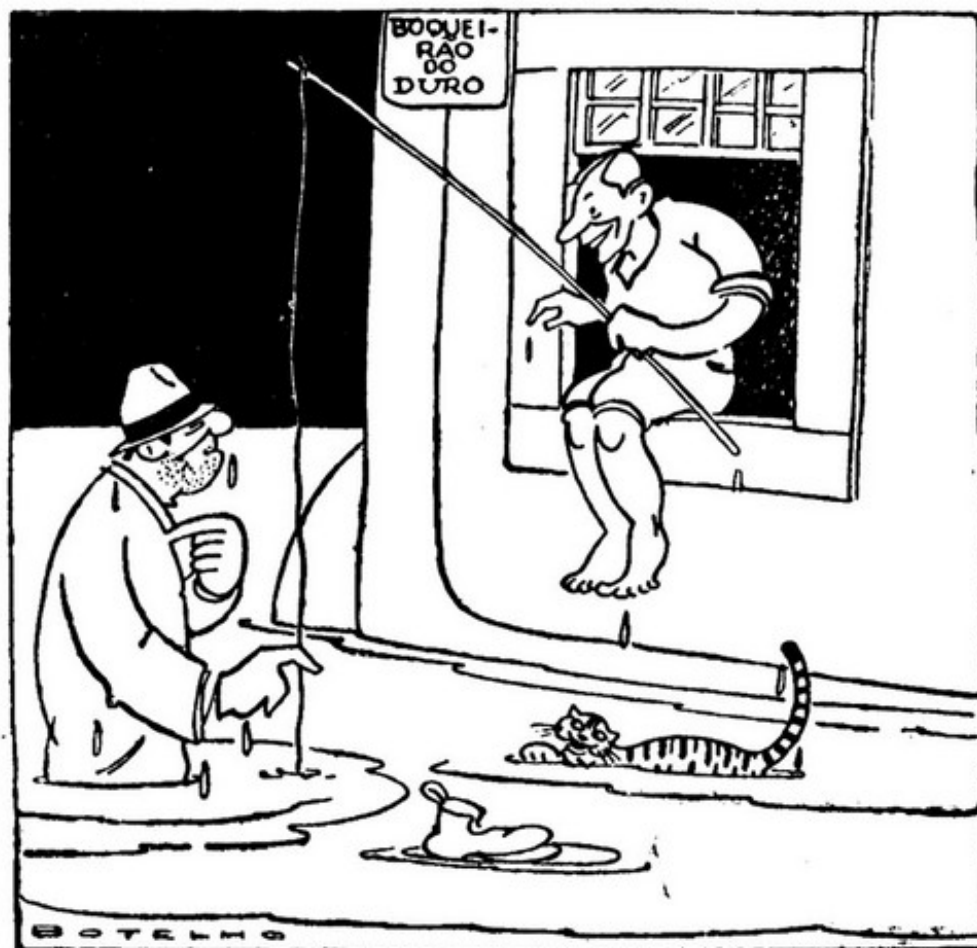
Sonhava em alta voz, como acordada, falava no Gavroche — o inicio rico — da Chic-Chic, minha e do Erico e noutras creações de nomeada.

Nisto, acercou-se junto dela alguém que, ao vêr mover uns labios tão subltis, deles ouviu nitidamente bem:

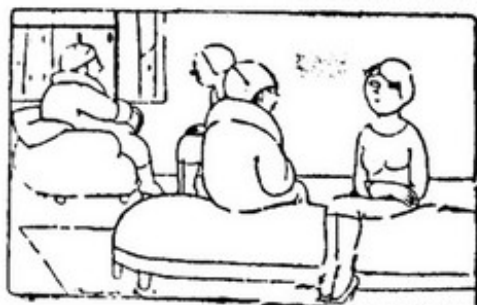
— «Louvado seja Deus porque assim quiz fazer de mim mulher, actriz e ... mãe de tantos rapazinhos... travestis!...»

José Barbosa.

VENEZA EM LISBOA



— Só assim abichei «agua» para banho geral.
— E eu tenho esperança de ter «peixinhos» ao jantar.



— Chica, não sei por qual dos dois me decidia: se pelo Necos, se pelo Lulu.

— Oh! filha, mas não ha que pensar, O Lulu chuta muito melhor...



— Os senhores não cultivam os sports da neve?
— Não, senhor. Agora não podemos cultivar nada.



Macaco ladrão

Num dia de nevoeiro, em Londres, dois ingleses contavam para se distrair, um ao outro, as suas mais curiosas aventuras. Mas, esgotadas elas, combinaram fazer uma aposta de dez libras, para ver qual deles é que seria capaz de fazer maior partida.

Chegados a um bairro pobre, onde abundavam os *bars*, com os seus costumados macacos amestrados, para distrair os fregueses, eles entraram num. Um deles mandou servir cerveja e, enquanto o estalajadeiro voltava as costas, para tirar dum armário os copos, começou a bater no macaco, que estava em cima do balcão, preso por uma corrente.

O estalajadeiro correu aflito:

— O que é que o senhor está a fazer? Porque bate no pobre animal, que não faz mal a ninguém?

— O senhor diz muito bem — retorquiu o freguês — mas o seu macaco é um ladrão porque, enquanto o senhor ia buscar os copos para nos servir, eu puz meia libra em cima do balcão, para pagar a despesa, e o seu macaco engoliu-a...

Logo o estalajadeiro, com um ar resignado, trazendo a demasia, respondeu:

— O senhor não se aflija nem bata no animal, porque eu faço de conta que já me pagou!...

Chegado á rua, dizia, para o protagonista da scena do *bar*, o outro que ainda nenhuma partida tinha feito:

— Meu velho, não perdes pela demora! Porque ainda hei de fazer maior partida que tu. E, já agora, entramos neste *bar*, para que eu te ofereça uma cerveja.

Entrados noutra taberna, deu-se a mesma scena que na anterior, mas com heróis diferentes.

Quando o taberneiro deu que o freguês batia no macaco, disse:

— Para que é que o senhor está a fazer isso?

— Estou a bater-lhe porque o seu macaco é um grande ladrão, pois eu coloquei uma libra sobre o balcão e o seu macaco comeu-a...

— Essa tem muita graça! — concluiu ironicamente o estalajadeiro — como é que isso pode ser, se o macaco é embalsamado?...

A Carlos Bleck

Meu caro Bleck: o vosso grande feito é caso para a gente se espantar, mas outra coisa não era de esperar dum joven arrojado e tão perfeito.

Tem jus que a Gente Lusa renda o preito a quem sózinho resolveu voar por sobre a terra, a areia e sobre o mar, sem que do p'riço lhe tremesse o peito!

Mas eu, no seu lugar, se voasse um dia p'ra longe e se eu caísse ou lá chegasse, mal sabe, caro Bleck, o que faria?!

Assim que em terra firme os pés poisasse, ficava-me por lá e voltaria só quando tudo isto socegasse...

Reporter B.



— Que estás tu a fazer?
— Tenho uma dor de dentes que arreberto.
— Então chega aqui um instante para fazer rir o pequeno.

Reminiscencias... do passado

Historia dos amores tragicos de Serafina de Lancastre e Repólhos

Ha dias, ao percorrermos as paginas de anuncios do *Diario de Noticias*, nossa tarefa matutina e de toda a familia, que visa especialmente ao *des... encontro* duma casa ou parte dela em excelentes condições, o que se torna difficil porque o tempo dos... trespasses não acabou nem acabará tão depressa como o desejam aqueles que, como nós e como lenitivo, vão aguardando a construção das reclamadissimas casas economicas, o que succederá no dia de S. Nunca, deparámos com um anuncio de venda de livros na rua dos Namorados, a preços convidativos.

Como coleccionador barato que somos, dirigimo-nos ao local indicado e, franqueza franquezinha, não perdemos o nosso tempo. Por modestissima importancia, que nos tempos que vão correndo não chegaria para mandar tocar um cego, adquirimos muitos e curiosos manuscritos de autenticidade garantida. Tão curiosos que avê-los e adquiri-los foi obra dum momento.

Para bem se avaliar da sua importancia, basta dizer aos leitores do *Sempre Fixe* que nesses manuscritos, datados de 1755 — deviam ter sido escritos por occasião do terramoto — se recorda os trónos de Semiramis e de Cleopatra, dos sceptros de Salomão e da apaixonada rainha de Sabá; das joias das antigas rainhas do Egipto, com diademas de flores celestiais, mantos azues de ouro do sol poente, pérolas, diamantes e corallinas valiosas da India e terrinhas adjacentes, etc.

Nesses manuscritos existem ainda pedaços d'alma, agonias de morte, confidencias sobre confidencias de varios Romeus e Julietas, Paulos e Virginias, Armandos Duval e Margaridas Gautier, Simãos e Teresas amorosos.

Para amostra e para provar a importancia desses manuscritos, vai a carta que se segue, respigada deles ao acaso e que contem, só por si, a historia mais completa dos amores tragicos de D. Serafina de Lancastre e Repólhos, da mui nobre casa de Freixédos, com graça de Deus, que morreu e foi sacramentada, jazendo o seu corpo no mosteiro de Pardilhó, carta dirigida a Pedro Aquino Rego, o mais donzel dos moços das ducaes cavalariças dos sephores de Freixédos:

Meu nunca esquecido Aquino, da minha saudade:

Meu pobre apaixonado! A tua sina é de muitas ralações; as linhas da palma da tua mão direita, e de veludo ela é, indicam que o amor está escrito para ti, mil anos antes

do teu nascimento. Sinto-me tambem morrer de pena, de amor. A doçura da morte aproxima-se de nós. Pois que venha. Mas, antes disso, quero esgotar o teu cálice. Depois, suprema ventura, tu tumulto, mansão do descanso, podes vir-me enlaçar nos teus braços. Escrevo-te á luz de quatro velas. Tudo está em silencio; ouço apenas as aguas do ribeiro a murmurar, enquanto o luar espalha sobre a superficie do mar paginas de luz argentina. Daqui a momentos vence a aurora, morre a madrugada, nasce o dia. Prometi amar-te até ao ultimo instante da minha vida. Vai esta carta a provar-te o meu amor. Sou toda tua, meu cavaleiro andante, minha poalha dourada. Calculo que já não chego a vêr o sol de amanhã, pois estou fraquissima, amanteigada mesmo, gelada como a neve pura. Como acabou tão tristemente o nosso amor! Custa-me, para que mentir, deixar este mundo imundo, ficar longe de ti, dos teus beijos, Aquino Rego, sem te poder abraçar.

Adeus! Quando vires as neves cobrirem os cumes das montanhas, aguas-furtadas deste lindo Portugal, e quando em passeio, tomando o ar puro, acaso encontrares um pobre tumulo e lères na sua lousa o meu nome, pára um momento sobre a eterna morada da tua Serafina, que te amou com loucura. Ah, Aquino Rego, de joelhos, as palavras de compaixão que pronunciare, poucas que sejam, darão alivio e consolação aos meus ossos. O meu espirito alegrar-se ha. Amor, adeus. Adeus, mais uma vez. Adeus... até Deus.

Tua,

Serafina de Repólhos.

No manuscrito de que respigamos esta carta lê-se por fim:

«Quando á noite estava despindo o seu fato negro lustrado pelo luar, o grande rel da madrugada se estava, aproximando com seu cortejo, e os quatro lados do mundo aclaravam com o brilho da sua corda, nesse momento, succumbiram Serafina e Aquino, os amorosos. E os exercitos de morcegos deixavam de perseguir, em homenagem ao amor, as quadrilhas dos inuteis mosquitos, enquanto as luzes que os pirlampas produziam no vácuo, por entre as plantas espinhosas, faziam lembrar as luzes das cabanas dos pobres amerulantes do Oriente.»

Peta cópia,

Mario Quintela.

«SEDAS E FLORES»



E para variar, entre varias variedades, dá o «Variedades» deliciosos balados, e as mais lindas rosas de Espanha.

Elevador da Gloria

Querido Amigo: — A companhia das aguas da celeste aboboda cumpriu enfim o seu invernosso dever. Estavamos já convencidos de que a nossa bem amada Primavera nos tinha entrado pela porta dentro, com um jubilo que não consente lagrimas. Engano. O inverno, que é fero e duro, saltou sobre a pequena e mandou-a para casa do pai — por ser ainda menor. Agora cá o temos. É uma *douche* diaria.

Os resultados desta hygiene forçada tem sido proveitosissima. O lisboeta anda com a cara lavada e as ruas estão mais sujas. Todos apanham a sua molha, o que não é mau, para demollar, como o bacalhau, certos espiritos demasiadamente salgados...

Dizem-me da provincia que ainda ha algumas estradas, atoleiros, mas como o portuguez vitorioso da batalha do mesmo nome, não ha que recuar. Nenhum deles se perde. Descalça a peuga, a bota, arregaça as calças e segue ovante e gloriosamente enlameado. No entanto, a população de Sarilhos de Baixo, que anda sempre no sarilho de iniciativas, resolveu pedir aos poderes publicos escafandros do ultimo modelo.

A população de Lisboa — não pode tanto. O mau tempo é a melhor garantia da ordem. Dorme em socego enquanto a chuva cai e os gatos miam os seus amores apaches, sob um céu sem lua. Os namoros de jardim recolhem-se ás portas das escadas, com uma aproximação conveniente. É um belo principio de natalidade, que se deve manter, regulamentando tão caloroso costume. Por mim, já estou acostumado...

Proverbios da nossa terra

Quem tem telhados de vidro com certeza é vidraceiro.

Quem uma mulher veste... nem sempre a despe.

Do Manzoni, mais vale um *toma* que dois *te daret*.

Quem tem amores, não dorme... sózinho.

Amor, com dinheiro se paga.

Ninguém diga: da agua da Companhia não beberei.

Lá diz o Benoliel:
— A boda ou baptisado, vai sempre — ainda que não estejas convidado...

Mais vale um pássaro frito... que dois a voar.

Guarda que fazer, mas não deixes de comer.

Em tempo de armas, não se limpam guerras.

Quem faz dez fatos por ano, fica a dever ao alfaiate...

Ha menino e ha borracho que, por mais que bebam, não vão abaixo.



— O senhor tem muitos votos para ser eleito academico?
— Não, porque os amigos que tenho são todos da Academia e não quero que pareça que foi um favor.

A SEMANA DOS EMPREZARIOS

A semelhança do que fez o *Diário de Lisboa*, consta-nos que o *Jornal do Comércio*, de Lisboa, vai promover a «Semana dos Emprezares».

Seguindo os mesmos traços, eles terão que ir vender para os armazéns. Assim, alguma nos deu o seguinte alvitre para distribuição dos vendidos:

J. Siqueira (empresario do Campo Pequeno) — Para um estabelecimento de chapéus da rua do Carmo, tendo por ajudante Luciano Moreira.

Luís Pereira (do Politeama) — Vai uma semana inteira para caixairo do Tota banqueiro.

Carlos Borges (empresario de todos, de nenhum e de mais algum) — Irá, durante a tarde, para a bilheteira do teatro da Trindade substituir o Melo camaroteiro.

A. Buecher (empresario da Trindade) — Tel e qual o maestro Benjamin, como é muito pobresinho, irá pedir esmola para a porta da Atlas.

Esterão Amante (do Avenida) — Irá vender cerejas, mas desta vez desta vez sem o toma... porque ele hoje não dá nada a ninguém.

José Cláudio (do Eden) — Como sempre teve sentimentos religiosos... vai vender imagens de Santa Isabel para a porta da igreja da dita.

O'Donnell (do Olimpia) — Vai rir o *Diário de Notícias* por sorteio, nos seus bilhetes numerados, ao qual presidirá o nosso colega Obtemiro César.

Luís Galvão (do Variedades) — Fará uma conferencia intitulada «O teatro material e os materiais de teatro», com a qual provará que com o mí é que se ganha dinheiro. A favor do café, as girls venderão no Parque esta quadra elucidativa:

*Melhores luas, bem calçadas,
Gondarumpu, não o chéiro...
Quanta moças abajudas,
Moça a pé da d'inhito...*

Alberto Brito (do Variedades) — Vai vender *burriô*, de dia para a Casa Africana; de noite, para a rua das Pretas...

Jorge Guter (do Gimnasio) — Vai vender o *Seculo*, vestido de João José...

Luís Reis (do Apolo) — Para a casa Borges & Irmão vender cambiais de arrendatário e sub-arrendatário com licença do senhorio.

O lucro certo das vendas feitas será empregado para atenuar os ordenados fabulosos, direitos de autor, selos, licenças, folhas de bombeiros, polícia e outras alcavalas.

Ficará o publico durante o ano a luar, visto que terá camarotes a cinco réis e a geral a oito réis, fora o resto.

Sortes grandest
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Moiro na costa



— Lá n'aplado duas vezes de fato nestes últimos três meses! E porque me contas alguma coisa...

Amôr e Gloria

(Autobiografia dum futurista encravado)

O avô, pegando no chapéu e na bengala, ordenou-me que seguisse à sua frente. Obedeci, não sem deitar um olhar de desalento para os presentes que, dependurados nas traves da despensa, me pareciam dizer um saudoso adeus.

Gloria, ajuizada ao peso da mala de viagem, coitadita, mal teve tempo de me beijar com gana, de me dar um abraço de meler os tampos dentro.

Perto do portão da nossa casa, aguardava a diligencia que nos havia de conduzir à estação do caminho de ferro. Meu avô e eu subimos. Gloria acomodou a bagagem no tejadillo.

O cocheiro saltou lésto para a almofada, fustigou os cavalos e, ao som das guizeiras dos machos e do telintar das vidraças, o carro, aos solavaneos, rolou calçada abaixo, enquanto Gloria, acenando-me de longe com o seu lenço de linho grosso, fazendo uma horrível careta de comção, gritou-me muito terna:

— Adeus, menino Geraldo! Até domingo! No domingo lá estou, fique descansado!

... Nunca vi cara mais feia do que a do pobre velhota, naquela manhã...

Quando meu avô, com a sua frieza austera de velho educador, me deixou no Colegio de S. Fiel, entregue aos cuidados dos jesuitas, julguei que morreria de desgosto. Chorava por todos os cantos, ás escondidas dos mestres e dos condiscipulos. Tornei-me bisonho e chamavam-me o *Papa-hostias*.

As lagrimas, porém, torturam mas não matam. Reagindo, venci o desalento.

Pois não vinha eu aprender, nos livros, a vida? Não vinha, pobre pigmeu das montanhas, transformar-me num homem civilizado? O meu dever era, portanto, ser forte, resignar-me ás dôres, reagir contra o desânimo.

O pranto estancou por fim. Decorridos quatro dias, voltava a esperança a reanimar-me a existencia.

A minha maior alegria era ir passar os domingos á terra. Gloria, conforme promettera, vinha buscar-me nos sabados. Era uma festa, a saída do collegio, á tardinha.

A viagem no comboio e a minha entrada na aldeia tinham para mim um sabor novo, como quando se re-adquire um bem perdido.

Como queria dar boas lições para me deixarem sair, estudava com affino; e, assim, ia sendo estimado pelos pedagogos.

Com que saudade recorro esse tempo feliz em que eu era apenas um estudante exemplar e não tinha sobre as estantes tantos livros de poetas portuguezes, que nada tem de exemplares!...

Devo dizer-lhes que fui sempre tímido, canhestro e fraco e, por isso, amoldei-me com facilidade áquella

vida austera de collegial. Fui crescendo, educado á moda dos jesuitas, e a eles devo, talvez, nunca ter sido um espirito independente, não ter iniciativas nem vontade propria.

Quebraram-me as azas. Sujeitei-me a tudo: aprendi o catecismo e o *Cornelio Nepos*, a algebra e os logarithmos, a geografia e a historia, as linguas mortas e as vivas, os classicos e o *Borda d'Agua*.

Nunca tive, porém, grande amor aos calculos aritmeticos; odiava-os, nesse tempo, como hoje destesto os calculos dos rins... Muitas vezes perdi o direito d'ir a casa por ter errado as contas de somar.

Decorava o Phedro e embirrava com o Pythagoras. O jesuita que me ensinava geometria chamava-me *obtusos* e dizia que eu não tinha fôfôro. Em compensação, tinha miolo de abóbora e uma grande simpatia pelo Frei Manuel das Chagas.

Ái pelos dezete anos, quando a barba começava a pungir-me o rosto e o talento me cocegava no cérebro, o padre Inácio Murta, meu professor de latinidade, declarou a meu avô que eu devia seguir a carreira eclesiastica, tanto mais que possuia a resignação cristã do *Eclesiastes da Biblia*.

Traduzia com facilidade Horacio e Virgilio, lia Dante no original e falava o inglês na perfeição, com bella pronuncia, como se tivesse uma espinha de bacalhau atravessada nas guelae. Tinha, além disso, uma admiração reverente pelo Sá de Miranda e pelo D. Francisco Manuel de Melo.

A semelhança deste ultimo, que escreveu as «Cartas Familiares», eu escrevia cartas ao meu avô num estilo apologético, queixando-me á mistura do director do Collegio e pedindo-lhe dinheiro... para as almas.

Escusado é dizer que tanto as cartas do D. Francisco Manuel de Melo como as minhas nunca tiveram resposta...

Estivemos a escrever para o Bispo...

Por esse tempo, lia muito. Os condiscipulos emprestavam-me romances, livros de moral, apologos, e todo o dinheiro que tinha gastava-o em livros e ia, assim, ganhando o céu e entrefitendo os ocios da minha vida de internato.

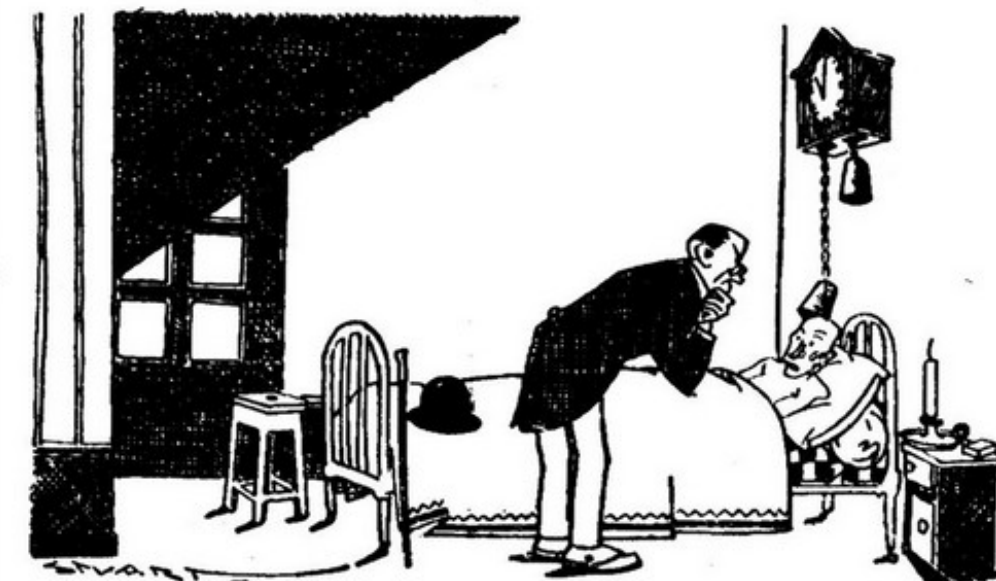
Já então fazia versos. Não ha ninguém que os não faça no alvorecer da vida. Um dos condiscipulos encravou-me. O maldito foi publicar no *Seculo* as minhas primicias literarias.

O director do Collegio soube-o e perdi de vez a estima dele e a dos mestres. No Collegio era um crime fazer versos. Meteram-me logo no quarto escuro, deram-me a comer um osso e obrigaram-me a ler duzentas vezes o Evangelho de S. Lucas...

Fiquel «Luças» de todo!

(Continúa).

Geraldo Sem-Mêdo.



— Não sei o que é isto agora. Sinto um peso na cabeça.

Cinema do FIXE

Matinees das quintas-feiras

Fiat lux! Viva o luxo!
Desta vez é que a cidadã vai luzir o seu *cachucho* á luz da electricidade!

Diz-nos o mestre Centeno que não tarda, a qualquer rua, de ter, não havendo empeno, mais luz do que a propria lua!

«Stalem foguetes no ar!
Haja musica em coretos,
que o Zé Povo tem que andar,
á noite, de olhos pretos!...

Do teu marmore e granito,
O' Lisboa perdeste os dotes!
Vais ser o ultimo grito:
—«Cidade dos holofotes»!!!

Pr'ô teu crêdo se firmar,
não ha três opiniões.
De noite já podes dar
á luz: mais revoluções!...

E mal vir's no céu estampadã
a nova iluminação,
has de ouvir esta piada:
—«O' patego, olha o balão!»

Se as moscas, em roda louca,
tomarem as noites belas
por dias, fecha essa boca,
que te entram p'las guelae!

Com tal futura clareira
que da Lisboa em breve parte,
pode o Antonio Cabreira
fazer sinais para Marte!

Torradinhas com manteiga,
quem espera desespera.
De promessas, ha que tempos,
O Zé Povinho está farto...

(Não rima mas é verdade).

Jotabê.

Os provincianos e a estatuá

Certo dia, dois provincianos vieram visitar a aldeia. Pelo caminho discutiram coisas tão estupidas que a ultima foi a de dizerem um pr'ô outro se seriam capazes de arredar, do sitio onde estava, uma estatuá que ali havia.

Antes de mais nada, despiram os casacos para poderem «trabalhar» mais á vontade e puzeram-se a empurrar a estatuá com quantas forças tinham.

A certa altura, dois larapios que passavam por ali viram os casacos abandonados e levaram-nos sem que os seus donos dessem por tal.

Um dos provincianos que estavam empurrando a estatuá, voltando-se e não vendo os casacos, disse para o companheiro:

— O' compadre, parece que já empurrámos bastante. Eu já nem vejo os casacos.

Artur Ferreira.

Um concerto com as mãos



«O sabio russo Theremin, com um aparelho radio-telegrafico, descobriu o modo de produzir musica agitando o ar simplesmente com as mãos.»

(Dos jornais).



O que se diz e o que se não deve dizer...

Filosofia automobilista sôbre a multiplicação dos "taxis"

As eliminatórias do campeonato de Portugal de *foot-ball* forneceram os habituais e disparatados *scores* de tais eliminatórias...

Exemplo típico:—a vitória do *Sporting* sôbre o *Torres Novas* por 18 a 0. E afinal, em jogo, daqueles 18 *goals*:—noves fóra, nada...

O crítico do *Diário de Notícias*, apreciando os jogadores do *match* «Casa Pia-Comercio e Industria», escreveu o que segue:

«Gustavo a centro médio:—um belo lugar numa tarde esplendida de muita inspiração.»

Deve ter sido um jogo todo em sonetos...

Apreciando uma das linhas dum *onze*, afirmava o mesmo crítico ter havido:—«Boa compenctração das necessidades.»

É um novo genero de tecnica—uma tecnica um tanto ou quanto obscena...

A multiplicação dos *taxis* em Lisboa teve o condão de transformar muitas pessoas sensatas em *sportsmen-automobilistas-viciosos*.

Deste modo, por uma lei natural e compreensivel, esse sentido a quo poderemos chamar da *circulação na rua* transformou-se tambem.

A reacção entre o automobilista e o transeunte sofreu uma mudança profunda, uma vez que todo o transeunte pode ser automobilista. Generalizou-se o conhecimento da psicologia do homem que anda pela rua.

De facto, enquanto se não viaja de automovel pelas ruas duma grande cidade, não se imagina até que ponto é infinita em matizes psicologicos a multidão circulante. A primeira coisa que ocorre ao *neofito automobilista* é pensar na inexgotavel bondade da Providencia.

O *chauffeur* passa a ser olhado como um ente dotado das maiores virtudes de paciencia, sangue-frio e comiseração para com os fracos, os pobres de espirito e os idiotas. E o *neofito* pergunta, assombrado:—«Mas como é que não acontecem, pelo menos, quinhentos atropelamentos por dia?»

Vamos alegres e bem dispostos

num *taxi* veloz. De repente, pára-nos o coração e damos um *ai de tenor*:

—«Matou-o, com certeza!»

Era um transeunte, pai de familia, que parara de subito no meio da rua, pensando na morte da *bezerra*. O *chauffeur*, com os olhos bem abertos e a atenção bem tensa, conseguiu fazer a tempo a manobra salvadora.

Não aconteceu nada!

BOLAS AS DUZIAS



—Ora «Bejam» que saraivada de bolas...

Mas, nessa altura, intervem o transeunte!

O transeunte que estava pensando na morte da *bezerra* e que se volta, irado, colerico, contra o *chauffeur* que ia bem atento. O transeunte que ameaça e ergue os punhos, representando no meio da rua o papel dramático do homem-vítima que clama justiça a todos os deuses do céu.

O homem-vítima ha de pensar ao contrario—no dia em que tiver dez escudos para andar de *taxi*...

O *taxi* foi um invento democratico. Qualquer pode fazer do passeio o gesto ritual—e o automovel detem-se e espera...

Nesse gesto de mandar parar o automovel ha o sentido intimo duma positiva revolução.

E o amator automobilista, que tende a generalizar-se, não *grama* o homem jactancioso que atravessa a rua com o seu *passo*, sem descompor-se, como se tivesse nascido para general de divisão—ou como um sacerdote que levasse o viático. O homem jactancioso que nem altera a cadencia quando o automovel o roça—convencido até á medula que um cidadão tem *direito á rua*, direito que, em boa verdade, só pode ser reclamado pelas bestas.

O novel automobilista amator não *grama* esse homem, esse desprezível peão que, depois de discutir com o *chauffeur* a quem deve a vida, e de lhe ter chamado *bruto*, se afasta cadenciosamente... com o seu *passo*...

Às segundas feiras é de uso juntarem-se no *Martinho* varios jogadores de *foot-ball*, apreciando as criticas dos desafios do domingo anterior.

Escusado será dizer que os jornalistas são ali feroz e teoricamente esfolados.

Conclusão:—Ha tantos criticos que gostariam de ser *aces* do *foot-ball*, como ha jogadores que gostariam de saber escrever.

Rebola-A-Bola.



Tertuliu teve uma violenta discussão com sua esposa...

Num dado momento não se poudo suster e matou-a...

Quiz-se matar, mas a pistola já não tinha balas e...

... num violento acesso de loucura foi consultar o medico.

Amor conjugal



—Vê lá, minha filha, escolhe à tua vontade, de qual gostas mais?!..



—Eva para Adão—Anda, maridinho, arranca-lhe um dente para a tua mulhersinha.

Na taberna



—E dizem os medicos que o vinho faz mal á vista... Eu então cada vez vejo melhor. Agora, por exemplo, vejo-te em duplicado.

No Club



—A Nêna agora anda bem posta, mas muito magra.
—Não admira que ande bem posta, está com o ministro de uma grande potencia.